

# O enigma da Igreja de Santa Maria-a-Velha da Batalha

Renata Vieira

Licenciada em Património Cultural

A história desta pequena igreja no fundo é igual a história de tantos outros monumentos do passado. Foi ela uma construção funcional, desejada e prestigante, mas que perdeu importância de forma progressiva e até foi um obstáculo à modernização; caindo no esquecimento e sucessiva destruição. Da velha igreja poucos são os vestígios. Apenas uma lápide implantada num espaço vazio, que outrora lhe pertencia, com o intuito de perpetuar a sua memória.

## A fundação do mosteiro e da vila

Na Idade Média, a vila de Vitória (Batalha) foi centro de destaque social dotado de privilegiados recursos financeiros, evidenciando-se perante as localidades mais pobres; não por ser mais populoso ou por ter maiores disponibilidades económicas, mas por ser o local eleito para consagrar o voto feito por D. João I à Virgem Maria nas vésperas da batalha de Aljubarrota em 1385. Foi deste voto e com a construção do mosteiro que se iniciou a formação da vila da Batalha. O local escolhido para a construção do Mosteiro era uma zona de charneca, conhecida como a Quinta do Pinhal. Ao que parece o local era quase despovoado, tendo alguns habitats dispersos. D. João I mercou a referida propriedade a Egas Coelho e a sua mãe Maria Fernandes Meira.

Pressupõe-se que D. João I<sup>1</sup>, no arranque das obras do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, mandou edificar a igreja de Nossa Senhora da Vitória (Fig. 1) junto ao Mosteiro. O pequeno e singelo templo, que nasceu dentro do estaleiro, foi fruto da carência de um espaço sagrado para celebração litúrgica e para a administração dos sacramentos aos mesteiros da obra, sendo o primeiro templo da vila, muito anterior à construção da igreja matriz e a elevação do povoado a vila em 1512. Devia tratar-se de uma obra pobre, feita com escassos recursos materiais (talvez com materiais aproveitados das obras do mosteiro) e construída, seguramente, à pressa para suprir a carência de um espaço de culto.

O templo nasceu dentro do núcleo urbano do estaleiro, quando as fundações do mosteiro começavam a despontar, na periferia da vila da Batalha e fronteiro ao pátio nascente do Convento<sup>2</sup>, onde uma porta lateral<sup>3</sup> (Fig. 1 e 2)

---

<sup>1</sup> *Couseiro (O) ou Memórias do Bispado de Leiria*, Braga, Typographia Lusitana, 1868 (reimpressão em Leiria, O Mensageiro 1980, cap. 75<sup>o</sup>, p. 107.

<sup>2</sup> *Couseiro (O) ou Memórias...*, cap. 75<sup>o</sup>, p. 107.

permitia a circulação dos frades. Junto da ermida ficava o Hospital, que fora fundado em 1427<sup>4</sup>, o que indica que os principais edifícios de carácter colectivo se congregavam naquela zona, ponto estratégico e prestigiado naquela época.

Seria de esperar que a igreja da comunidade laica, Santa Maria-a-Velha, surgisse nas imediações da Rua Direita. O que de facto não ocorreu, foi construída atrás do complexo monástico, localizando-se na proximidade da rua de Baixo<sup>5</sup>. Esta localização aparentemente anómala da velha igreja, afastada da artéria principal do povoado, de certa forma repetiu-se na orientação divergente da nave, que se dispunha no sentido sudoeste-noroeste (Fig. 9).

É provável que a igreja tenha sido edificada nos finais do século XIV ou nos princípios do século XV, havendo, porém, a inexistência de documentos que o comprovem<sup>6</sup>, vários autores datam a construção da igreja com a mesma cronologia do arranque das obras do mosteiro, entre 1386 e 1388. Um registo de 1409<sup>7</sup> faz referência da existência da igreja, porém um outro documento de 1721, refere a igreja como sendo da antiguidade do mosteiro, e que a igreja pertencia ao convento, embora o autor da notícia diga não ter consultado o arquivo do convento<sup>8</sup>.

Na primeira metade do século XV, segundo o cardeal Saraiva, a igreja era já designada como Santa Maria-a-Velha, como igreja velha, ou só como igreja de Santa Maria, era assim citada nos documentos do cartório do mosteiro, entre 1429 e 1494<sup>9</sup>. O facto de ser apelidada de velha, indica-nos que já teria alguns anos de vida.

A construção do complexo monástico foi financiada através das rendas do almoxarifado de Leiria<sup>10</sup>, isto é, pela Coroa, é provável que o mesmo tenha sucedido com a igreja velha. Pela leitura global da envolvente, percebe-se uma relação entre o mosteiro e a igreja, uma possível hierarquia entre os espaços e os caminhos, sendo o mosteiro o ponto fulcral dessa hierarquia.

Portanto, também a igreja velha foi um edifício bastante importante ao lado do mosteiro, serviu largos anos como local de capítulos dos frades, e foi centro de

---

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 107.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 94-95.

<sup>5</sup> Saúl António Gomes, "Os espaços locais de (con) vivência". In *O Mosteiro de Santa Maria da Vitória No Século XV*, Coimbra, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Coimbra, 1990, p. 138.

<sup>6</sup> Veja-se o *Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Numismática e Artístico*, Lisboa, Editor - João Romano Torres, 1904, Vol. II p. 211.

<sup>7</sup> Saúl António Gomes, *Fontes Históricas e Artísticas do Mosteiro e da Vila da Batalha (Séculos XIV a XVII)*, Vol. 1, (1388-1450), S.I. Edição do IPPAR, 2002, Doc. n.º 24 (5 de Junho de 1409), pp. 69-70.

<sup>8</sup> Saúl António Gomes, *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentista, N.º 3 – Batalha*, Viseu, Edições Palimage, 2005, p. 51.

<sup>9</sup> Fr. Francisco de São Luís (cardeal Saraiva), *Memória Histórica sobre as obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victória, Chamado vulgarmente da Batalha*, Lisboa, Memórias da Academia Real das Ciências, 1827, p. 7.

<sup>10</sup> Saúl António Gomes, *O Mosteiro de Santa...*, p. 11.

assistência religiosa à população residente<sup>11</sup>. No fundo, substituiu o mosteiro enquanto este não se encontrava apto para a vida religiosa e para as celebrações litúrgicas.

A igreja velha não suscitou grande atenção entre os estudiosos. A maior parte cita-a apenas como uma simples ermida. É assim que ela surge no *Couseiro*, escrito em meados do século XVII, ou nas memórias paróquias “*tem pegada a si uma ermida de N<sup>a</sup> Senhora da Vitória*”. Isso deve-se, em grande parte, à sombra projectada pelo mosteiro, o qual atraía o olhar dos historiadores tornando o pequeno templo invisível. Como se o esplendor do monumento erguido em honra de Santa Maria da Vitória fizesse desaparecer tudo o que o cerca, como se tudo fosse “sombra [e] vulgaridade, em redor”<sup>12</sup>. Não admira, por isso, que a igreja velha quase só tenha suscitado as atenções da população local. Uma lenda dá-lhe honras de protagonista principal, ao apresentá-la como a capela onde D. João I fez o voto à Virgem, antes da batalha. Não era impossível que a capela do voto fosse uma capela existente na quinta do Pinhal, quer dizer, na quinta que foi comprada para a edificação do mosteiro, pois muitas quintas tinham, de facto, espaços de culto privados. No entanto, a lenda está apenas documentada a partir de inícios do século XX, em fontes escritas<sup>13</sup>, ou em testemunhos fotográficos (Fig. 3). Serve apenas de memória local, talvez para aliciar os romeiros, turistas e viajantes.

Como referimos, o pequeno templo era invisível aos olhos dos historiadores excepto a população local e a comunidade Dominicana, que ao longo dos séculos parecia manifestar um certo carisma pelo mesmo. Depreendemos que teve grande importância para a população, pois foi a igreja velha que assegurou as funções litúrgicas até 1532/34. Portanto, foi o primeiro espaço de carácter colectivo, uma espécie de local provisório que foi permanecendo até a primeira metade do século XX.

Ainda que pertencesse aos dominicanos, a igreja erguia-se no exterior da cerca conventual. Tudo indica, na verdade, que a primitiva igreja nos seus primeiros anos de vida se resumia ao quadrado da capela-mor, sendo a nave um acrescento posterior. O facto de a capela-mor ter uma porta na fachada poente, indica-nos que devia ser a porta de acesso ao templo nos seus primeiros anos de existência. O acrescento da nave poderá ter conduzido a uma reorientação da igreja, explicando assim a estranha orientação do templo.

Tudo indica que velha igreja foi fruto de duas campanhas. A capela-mor deve ter sido edificada por finais do século XIV, sendo possível que o início da empreitada de

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>12</sup> *A Matriz da Batalha, Boletim da DGEMN*, n.º 13, Porto, 1938, p. 8.

<sup>13</sup> Sandra Renata Carreira Vieira, *Santa Maria-a-Velha da Batalha, A Memória da igreja (séculos XIV a XX)*, Batalha, Edição Câmara Municipal da Batalha, 2008, Doc. n.º 19 (Resposta a carta de contestação, N.º 813-CI 105, Lisboa, 21 de Setembro de 1931, da Sociedade Propaganda de Portugal por terem demolido a igreja Velha), pp. 111-112.

obras corresponda aos anos de 1386-1388. A segunda campanha correspondeu à construção da nave, talvez na segunda metade do século XV, ou nos inícios da centúria seguinte. Presumimos que a nave resultaria de um acrescento posterior à capela-mor; nessa circunstância, algo terá impedido a continuação do edifício no eixo de simetria da capela, e a forma mais viável para a execução do segundo corpo foi a de construir a nave com uma certa obliquidade (Fig. 1 e 9).

O que não terá significado ausência de pensamento arquitectónico, mas ter-se-á devido à necessidade de encontrar uma solução para poder acrescentar a igreja. A vila foi traçada irregularmente em volta do Mosteiro, sem que houvesse a preocupação de deixar em torno dele um largo, ou um ponto de vista proveitoso para a sua contemplação. O que resultou num mau urbanismo, o que pode ser um dos factores a ter em conta na hora de compreendermos a obliquidade da nave.

Ao confrontar as plantas com o espólio fotográfico reunido (Fig. 1, 2 e 9), presumimos então que a nave realmente apresentaria na sua configuração uma determinada obliquidade, como nos aparece na maioria das plantas (Fig. n.º 9). Mas esta não teria sido tão pronunciada como aparece registada em quase todas as plantas. É provável que o exagero da inclinação das paredes que aparece nas referidas plantas se tenha devido a um possível erro técnico inicial, que se foi repetindo cada vez que se executou uma nova planta. Cremos assim, que a planta mais fiável e a que mais se deve aproximar da realidade é a mais antiga e datada de 1879 (Fig. 10), uma vez que ao ser confrontada com as fotografias não apresenta grandes discrepâncias.

Quanto à sua função e finalidade, a igreja velha cumpriu três funções distintas: foi espaço de celebração litúrgica, local de reunião e de celebração de actos escritos<sup>14</sup> e espaço sepulcral<sup>15</sup>. Segundo Saúl António Gomes, foi a igreja de Santa Maria-a-Velha que serviu de espaço de culto até à criação da freguesia. Era aí que os religiosos celebravam missa e administravam os sacramentos, ou que pregavam a palavra de Deus<sup>16</sup>. A criação da freguesia em 1512 não lhe tirou tais funções, já que as obras da sede da paróquia, a igreja de Santa Cruz, que fora fundada por D. Manuel, só foi terminada em 1532<sup>17</sup>. É nesta altura, com a instalação da sede da freguesia em Santa Cruz, que a igreja velha perdeu o estatuto paroquial. Sem ser sede de paróquia de direito, foi-o de facto entre 1512 e 1532, pelo menos. A partir de então, é provável que a igreja velha tenha perdido assistência, embora a paroquial se tenha erguido numa zona nova, de crescimento mais recente e mais

<sup>14</sup> Veja-se Saúl António Gomes, *O Mosteiro de Santa...*, p. 130-131.

<sup>15</sup> Para os enterramentos na igreja, veja-se Saul Gomes, *Fontes...*, 4 Vols, Edição do IPPAR, 2002-04.

<sup>16</sup> Fr. Francisco de São Luís (cardeal Saraiva), *Memória Histórica...*, pp. 7-8.

<sup>17</sup> José Travaços Santos, "Igreja de Santa Maria-a-Velha". In *Apontamentos para a História da Batalha*, Batalha, Edição Câmara Municipal da Batalha, 2006, p. 17.

afastada do núcleo da vila e do convento<sup>18</sup>.

Como lugar fulcral da vida da comunidade, era frequente que a igreja servisse de cenário à celebração de actos escritos de direito privado. Para o período até 1459, há notícia de aí se terem lavrado 21 contratos, dois dos quais à porta da igreja, valor que é quase o dobro dos 12 contratos então redigidos no interior do mosteiro<sup>19</sup>. A tendência inverter-se-ia entre 1460 e 1520: apenas 6 cartas redigidas na igreja velha, contra 41 no mosteiro e quase outras tantas (30) em casas particulares<sup>20</sup>. Isto parece sugerir que até meados do século XV, pelo menos, a igreja velha era o espaço preferido para os actos que se queriam envolver de alguma sacralidade. O que poderá indicar que já então possuía uma nave adossada à capela-mor.

Era igualmente frequente que o “colégio dos frades” — expressão usada num diploma de 1477 para designar o capítulo conventual<sup>21</sup> — se reunisse em Santa Maria-a-Velha. Até ao último quartel do século XV, quando as reuniões começam a ter lugar nos espaços do mosteiro com maior assiduidade — no claustro afonsino (1497-1515), na sacristia (1504-1515), e, a partir de 1517, na sala do Capítulo<sup>22</sup> —, foi a igreja velha o local mais procurado para a realização dos capítulos. Dos sessenta e cinco capítulos de que há notícia segura, mais de metade (34) celebraram-se em Santa Maria-a-Velha<sup>23</sup>. Como notou Saúl Gomes, as informações trazidas pelos documentos mostram que ela era por vezes designada como “*Igreja do mosteiro pequeno*”, ou até “*mosteiro uelho*”, enquanto um diploma de 1465 sugere mesmo que tinha um claustro: “*na crasta da igreja velha*”<sup>24</sup>. Talvez não se deva tomar esta expressão à letra e ela possa ser lida como sinónimo de uma alpendrada. Em qualquer dos casos, parece evidente que a igreja velha só com dificuldade se podia reduzir, por meados do século XV, ao quadrado da capela-mor.

Note-se a presença de uma confraria sob o título de Santa Maria da Vitória, a qual geria um hospital anexo à igreja velha<sup>25</sup> e cujo compromisso data de 1427<sup>26</sup>. Para lá da ligação dessa confraria e desse hospital à origem da Misericórdia da Batalha<sup>27</sup>, interessa salientar o facto de ela representar uma forma de assistência

---

<sup>18</sup> Fr. Francisco de S. Luís (c. Saraiva), *Memória Histórica...*, pp. 7-8; Saúl António Gomes, *O Mosteiro de Santa...*, p. 139. Segundo o *Couseiro* (cap. 63º, p. 93), em 1567 a paróquia tinha 425 fogos e 1062 fiéis.

<sup>19</sup> Saúl António Gomes, *O Mosteiro de Santa...*, p. 130-131.

<sup>20</sup> *Ibidem*.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 282.

<sup>22</sup> *Ibidem*, pp. 283-284.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 284.

<sup>24</sup> *Ibidem*, pp. 283-284.

<sup>25</sup> *Couseiro (O) ou Memórias ...*, cap. 65º, p. 94.

<sup>26</sup> Saúl António Gomes, *O Mosteiro de Santa...*, p. 126.

<sup>27</sup> Veja-se Saúl António Gomes, *O Livro do Compromisso Da Confraria e Hospital de Santa Maria da Vitória da Batalha (1427-1544)*, Leiria, Edições Magno, 2002, p. 78; *Notícias e Memórias...*, p. 68.

mútua, na doença e na morte, entre os mestrais e os oficiais das obras do mosteiro. Entre os seus confrades figuram alguns nomes ilustres da laboração artística no século XVI, como os mestres Mateus Fernandes II, Boytac, João (vidreiro), António Taca, entre outros<sup>28</sup>. Ainda que a confraria encomendasse orações noutros altares e, sobretudo, nos do mosteiro, era na igreja velha que se concentravam as suas actividades, como a celebração de missas festivas, ou de sufrágio pelos mortos<sup>29</sup>. No século XVI, quando a actividade da confraria parece ter conhecido um aumento, muitas das celebrações tinham lugar na igreja velha, nos altares de Cristo e da Santíssima Trindade.

Há igualmente várias notícias documentais do uso da igreja velha como espaço sepulcral. Como o caso do escudeiro Diogo Aires a 12 de Janeiro de 1518, quando escolheu sepultura em Santa Maria-a-Velha, junto ao altar do Espírito Santo<sup>30</sup>. Nos livros de registo do mosteiro, há referências à sepultura de quatro outros indivíduos na igreja velha, cujos nomes se conhecem, mas cujos motivos e datas de falecimento se ignoram<sup>31</sup>. Talvez estes cinco indivíduos aí sepultados sejam aqueles cinco mortos mencionados num diploma de 1438, pelo qual os cónegos de Santa Cruz de Coimbra, como padroeiros da igreja de Leiria, reclamavam a quarta parte das ofertas feitas por ocasião dos enterros respectivos<sup>32</sup>. Não eram os primeiros a serem enterrados em Santa Maria-a-Velha. O mesmo documento de 1438 refere “*outro muytos ffynados*”, e, entre eles um “*joham estaço e Mestre huguete*”. Por uma notícia do século XVI, sabe-se que também aí jazia um tal João Pires o moço, por cuja alma a confraria de Santa Maria da Vitória estava obrigada a rezar-lhe uma missa anual<sup>33</sup>.

Há outros testemunhos do uso da igreja como espaço sepulcral, como é o caso de vários mestres e artífices da Batalha, facto que explica a identificação do templo como “*necrópole ou pantheon dos artistas da Batalha*” por Sousa Viterbo<sup>34</sup>. O mais antigo é Mestre Huguet, que se fixou no local, onde casou talvez com Maria Vasques<sup>35</sup>. Está documentado como mestre-de-obras do mosteiro entre 1401 e 1438<sup>36</sup> e faleceu em princípios de 1438, sendo dado como sepultado em Outubro

---

<sup>28</sup> Veja-se Saúl António Gomes, *O Livro de Compromisso...*, p. 22.

<sup>29</sup> *Ibidem*, pp. 44 e 96.

<sup>30</sup> Saúl António Gomes, *O Mosteiro de Santa...*, p. 172; *Idem*, *Fontes*, Vol. 3, Doc. n.º 692 (de 12 de Janeiro de 1518), pp. 408-411.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 173.

<sup>32</sup> *Ibidem*, pp. 297-298.

<sup>33</sup> Saúl António Gomes, *Fontes...*, Vol. 4, Doc. n.º 784 (de 7 de Outubro de 1531), p. 92.

<sup>34</sup> Francisco Marques de Sousa Viterbo, *Diccionario Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses ou a serviço de Portugal*, Lisboa, Imprensa nacional Casa da Moeda, Vol. 2, 1904, p. IX.

<sup>35</sup> Saúl António Gomes, *Vésperas Batalhinas. Estudos de História de Arte*, Leiria, Edições Magno, 1997, pp.152-153.

<sup>36</sup> Saúl António Gomes, *Fontes...*, Vol. 1, n.º 19 (de 27 de Dezembro de 1401), pp. 57-58.

desse mesmo ano<sup>37</sup>. Salieta-se que nem todos os mestres foram sepultados na igreja velha.

Segundo Sousa Viterbo, havia várias lápides sepulcrais no interior do templo<sup>38</sup>, embora ele nunca o tenha visitado. O “Guia do Visitante” de 1904 confirma o facto e refere ainda que muitas das lápides foram retiradas do templo em 1895<sup>39</sup>. As ossadas dos importantes mestres do gótico e do *manuelino* ocultaram-se, assim, em valas comuns, e as lápides foram reutilizadas no calcetamento dos passeios da vila<sup>40</sup>. A notícia e a leitura dessas lápides encontram-se no *Guia do Visitante* e no *Dicionário* de Viterbo, se bem que a leitura nem sempre seja coincidente.

Os dados epigráficos mostram, por outro lado, que a igreja velha continuou a ser usada como espaço sepulcral nos séculos XVI e XVII. A partir de meados do século XVII, são escassos os testemunhos dessas práticas, mas isso deve-se, por certo, à destruição das lápides existentes no interior do templo, embora muitos fiéis devam ter optado por enterrar-se na igreja matriz<sup>41</sup>, pelo menos desde que esta foi aberta ao culto.

A arqueologia revelou, no entanto, enterramentos em camadas sucessivas no interior da igreja velha, o que parece apontar para uma utilização contínua ao longo dos séculos. E sabe-se, por fim, que a igreja velha funcionou como cemitério provisório entre 1838 e 1852<sup>42</sup>, época de construção do novo cemitério no exterior da urbe<sup>43</sup>.

## Arquitectura

O pequeno templo inseria-se no modelo da arquitectura gótica, mantendo extrema simplicidade e despojamento no exterior, característico da Arquitectura Portuguesa daquele período e dominante na arquitectura da vila da Batalha. Uma fotografia do interior do templo, dos princípios do século XX, apesar de nos revelar apenas uma parte do seu interior, torna-se bastante útil para ficarmos a conhecer a organização espacial, como também a decoração interior. Este registo fotográfico tem sido alvo

---

<sup>37</sup> Saúl António Gomes, *O Mosteiro de Santa...*, pp. 97-98; Francisco Marques de Sousa Viterbo, *Diccionario Histórico ...*, Vol. 2, p. XIV.

<sup>38</sup> Francisco Marques de Sousa Viterbo, *Diccionario Histórico ...*, Vol. 2, pp. IX-XX.

<sup>39</sup> Guia do Visitante, *O Monumento da Batalha, Kiosque da Vila da Batalha*, 1904, pp. 47-49.

<sup>40</sup> Gonçalo D' Aguiar Cabral, *A Propósito De Umas Pedras Tumulares Da Vila Da Batalha*, Separata de *Armas & Troféus*, V série, Tomo I, Janeiro Dezembro 1980, n.º 1 a 3, Lisboa, 1982, p. 4.

<sup>41</sup> Veja-se Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *Diccionario Histórico, Corographico, Heráldico, Biographico, Numismático e Artístico*, Vol. II, Lisboa, Editor-João Romano Torres, 1904, p. 211.

<sup>42</sup> Sandra Renata Carreira Vieira, *Santa Maria...*, Doc. n.º 2 (Mapa demonstrativo do estado em que se encontravam os Cemitérios da Freguesia do Concelho), p. 100.

<sup>43</sup> Sobre a difusão do cemitério extra-urbe, veja-se Fernando Catroga, “A Revolução dos Cemitérios”. In *História de Portugal*, Lisboa, Circulo de Leitores, Lda., 1993, Vol. V, pp. 595-596.

de grande controvérsia, tendo sido muitas vezes questionada a sua veracidade. Alguns consideram-na como uma gravura enganosa, o que levou ao questionamento e à dúvida da real existência dos retábulos ali apresentados. E também à classificação desacertada dos retábulos classificando-os como neoclássicos. Porém, a descoberta de vários fragmentos de retábulo, pertencentes ao altar-mor (Fig. 6), reforça a autenticidade da fotografia como também a real existência dos seus retábulos. A ornamentação interior de que temos conhecimento consistia apenas em três desprezíveis retábulos: o retábulo do altar-mor e os retábulos colaterais; a eles juntava-se um arco triunfal tardo-quincentista, o qual poderá apontar a época do acrescento do segundo corpo. Depreendemos, a partir das provas supracitadas, que o segundo corpo terá sido acrescentado na segunda metade do século XVI. Tal sugestão pode ser confirmada, de resto, pela cronologia do retábulo de pedra policromado da capela-mor, pertencente à fase maneirista, uma vez que este deve datar de finais do século XVI ou princípios do século XVII, podendo ter sido encomendado para assinalar a ampliação da igreja. Por outro lado, os retábulos colaterais, bem mais tardios, pertencentes à fase do protobarroco (Fig. 3), não põem em causa esta hipótese.

Na sua concepção formal, a igreja apresentava uma planta longitudinal orientada no sentido sudoeste-noroeste, de nave única de feição rectangular e de molde quadrangular a capela-mor (Fig. 1), composta por dois volumes articulados com coberturas diferenciadas, mas com telhado de duas águas nos dois corpos. A capela-mor era um pouco mais alta e mais estreita que a nave, sendo rasgada por um par de janelas rectangulares perspectivadas e tendo uma porta exterior no lado do Evangelho, de feição rectangular com verga recta (Fig. 1 e 4). A fachada principal estava virada a sudeste, apresentando um pano de linhas simples, delimitado por cunhais de cantaria. Ao centro, evidenciava-se o portal rectangular de cantaria com molduras rectilíneas. Acima do portal, destacava-se um pequeno óculo quadrangular perspectivado. A fachada estava encimada por uma cornija simples e um frontão triangular, rematado por uma cruz no ápice da empena (Fig. 1).

As fachadas laterais denotavam grande sobriedade, sendo rematadas por uma cimalha e beirado, rasgadas por um par de janelas quadrangulares perspectivadas. Sobre a empena da nave nascente sobressaía um pequeno campanário, encimado por um frontão triangular. É possível que o frontão tenha sido acrescentado nos seus últimos anos, ou tenha caído. Nos registos fotográficos do século XX, pode observar-se o frontão triangular. Já no levantamento dos alçados dos finais do século XIX, ou do princípio do XX, o campanário aparece rematado por um friso rectilíneo (Fig. 1 e 2).

Tirando os três retábulos e o arco triunfal, certamente as suas paredes reduzir-se-iam à nudez absoluta das paredes rebocadas, caiadas de branco e vazias, rematadas pelas cantarias. Presumimos que a cobertura interior deveria ser de madeira e o pavimento lajeado em pedra, à semelhança dos templos da época,

uma vez que não se tem fotografias nem documentos que falem acerca da cobertura nem do revestimento do chão, apenas sendo visível nas fotografias do século XX o arranque das vigas que suportavam telhado.

Na nossa leitura plástica constatámos que nos finais do século XVI e princípios do século XVII, existe uma renovação estética do espaço, com o intuito de o engrandecer, não com ampliação da planimetria, mas sim através da renovação da decoração do seu espaço interior, com novos elementos litúrgicos, como complemento da estrutura arquitectónica, tornando a modesta igreja mais prestigiante.

Pela documentação, temos conhecimento que a igreja foi alvo de restauros durante os séculos XIX e XX. O “Guia do Visitante” relata que “só em 1895 começou a cuidar da sua conservação, arrancando-se numerosas lápides sepulcrais”<sup>44</sup>. Dados que coincidem, com a documentação encontrada sobre os restauros. As intervenções feitas entre 1896 e 1925 repararam o edifício da seguinte forma: consolidação do edifício, reparação da cobertura, rebocos, caiação, reconstrução das coberturas e reparação de pavimentos, rebocos e reparação das portas.

As acções a que o templo foi sujeito nos últimos trinta anos ficaram a cargo da Direcção das Obras Públicas do Distrito de Leiria. Foi executado o restauro de uma porta de madeira, em Dezembro de 1896 e Janeiro de 1897<sup>45</sup>. Conhece-se também um orçamento da mão-de-obra dos remates a fazer para concluir as reparações que anteriormente tinham vindo a decorrer, datado de 13 de Dezembro de 1900. Com base na descrição dos trabalhos, sabe-se os que se fizeram no exterior resumiram-se à reparação da cimalha, do frontão, do emboço e do reboco, e, por fim, de três demãos de caiação. No interior, foi feita a picagem e desempenho das paredes e a reparação do emboço do reboco. Não temos conhecimento, nem encontramos nada que provasse a realização destes trabalhos, no entanto é credível que tenham sido efectuados. Sabe-se apenas que, entre 1884 e 1900, José Augusto Fragoso continuou as obras de restauro de Mouzinho no mosteiro e introduziu algumas alterações, procedendo também ao restauro da capela de Santa Maria da Vitória<sup>46</sup>. Outro restauro foi efectuado poucos anos antes de ser destruída, o qual consistiu na reparação do telhado da igreja em Junho 1925, sendo o encarregado da obra Pedro Jorge Ribeiro<sup>47</sup>.

---

<sup>44</sup> *Guia do Visitante, Monumento da...*, p. 47.

<sup>45</sup> Sandra Renata Carreira Vieira, *Santa Maria...*, Doc. n.º 5 (Recapitulação dos trabalhos por obras no ano económico de 1897-1898), pp. 101-102.

<sup>46</sup> Veja-se *Ficha de Inventário do Mosteiro da Batalha*, DGEMN, p. 5.

<sup>47</sup> Sandra Renata Carreira Vieira, *Santa Maria...*, Doc. n.º 8 (1925 - Restauro), p. 105.

## O desaparecimento

Pouco se conhece da história da igreja ao longo dos séculos XVIII e XIX, mas sabe-se que o sismo de Novembro 1755 pouco a afectou, ao contrário do que ocorreu com o mosteiro e a igreja matriz da vila. Isso deu-lhe, ao que parece, uma nova vida, já que voltou a ser usada pelos dominicanos para a celebração do culto<sup>48</sup>. Ignora-se por quanto tempo. Talvez demasiado breve para evitar a degradação e a ruína, ou para impedir que as habitações se unissem às suas paredes.

A expulsão das ordens religiosas masculinas, decidida pelo decreto de 30 de Maio de 1834 e consumada a 19 de Junho de 1834, selou o destino da igreja. Desde então, desconhece-se se os dominicanos voltaram a habitar o convento<sup>49</sup>. Mas o que se sabe da destruição do seu arquivo, ou do seu tesouro<sup>50</sup>, sugere o abandono desta casa religiosa. Terá sucedido outro tanto com a igreja velha, que estava sem telhado em 1838. Tal como sucedeu com o convento, que chegou a ser colocado em hasta pública, embora não tenha sido arrematado, foi a igreja vendida, sem que se tenha encontrado a escritura respectiva. Talvez estivesse incorporada na quinta da Cerca, situada a norte do mosteiro e que foi comprada pela família Crespo<sup>51</sup>. Nada o comprova directamente, mas um protesto popular de finais do século XIX, contra José Maria Crespo<sup>52</sup>, mostra que este era proprietário de parcelas situadas junto à igreja velha e que tentara apropriar-se de terrenos públicos nas proximidades da igreja e da rua velha, que ladeava os seus muros. A opinião popular identifica, de resto, a família Crespo como dona da velha igreja, embora ela tenha sido arrolada como um bem público após a proclamação da República.

As notícias posteriores são, ainda, menos esclarecedoras. Pelo Guia do Visitante, sabe-se que foram feitas obras de conservação em 1895<sup>53</sup>, no mesmo ano em que o concelho da Batalha foi suprimido e anexado ao de Leiria<sup>54</sup>. Não se conhecem as obras realizadas, embora se saiba que foi então que se retiraram e se partiram, as lápides funerárias existentes no interior da igreja. Não deve ter sido uma intervenção particularmente cuidadosa, mesmo que se esta se destinasse à construção de um soalho e à melhoria do espaço interior. Seja como for, houve nova intervenção entre 1896 e 1897, quando se procedeu ao restauro de uma porta,

<sup>48</sup> Saúl António Gomes, *Notícias e Memórias...*, pp. 60-61.

<sup>49</sup> Saúl António Gomes, *Vésperas...*, pp. 229-231.

<sup>50</sup> António Martins da Silva, "A Venda dos Bens Nacionais". In *História de...*, Vol. V, pp. 345-346.

<sup>51</sup> Veja-se José Travaços Santos, *Apontamentos para ...*, pp. 27-28.

<sup>52</sup> Sandra Renata Carreira Vieira, *Santa Maria...*, Doc. n.º 4 (Manifesto feito pelos habitantes da vila, contra José Maria Crespo, pelo facto deste se apoderar de terrenos públicos), p. 101.

<sup>53</sup> Guia do Visitante, *O Monumento da...*, pp. 47.

<sup>54</sup> Argentino C. S. Pessoa (org. da Revista), "Esboço Histórico da Batalha". In *Terras da Nossa Terra*, Ano: 29, Porto, 1 de Junho, 1989, pp. 3-4. Note-se que o concelho foi restaurado por decreto de 13 de Janeiro de 1898.

desta vez por iniciativa da Direcção das Obras Públicas do Distrito de Leiria<sup>55</sup>. Por falta de dados, pouco mais se sabe, mas pode garantir-se que, em Fevereiro de 1900, a igreja estava em condições de ser visitada. Nessa data, o regulamento do serviço de guardas do convento incluía a capela de Nossa Senhora da Vitória na visita do mosteiro<sup>56</sup>. Não tardaria, porém, a degradar-se. Em Agosto de 1931, quando se arrolou a velha igreja entre as igrejas da freguesia Batalha – fora esquecida pelo anterior inventário, feito em Julho de 1911 por imposição da lei da separação do Estado e da Igreja<sup>57</sup> –, já ela estava reduzida a pouco mais que as paredes e os tectos<sup>58</sup>. E se o escrivão não se esqueceu de notar que o culto divino, que há muito que não era aí celebrado, também fez questão de registar que a igreja confinava com o posto da polícia a norte, com a estrada municipal a poente, com um pequeno largo público a sul, e, finalmente, com uma rua pública a nascente.

Apesar da sua destruição pertencer a um passado recente, poucos são os habitantes que guardam da igreja uma memória viva. Os moradores têm memória do estatuto privado da igreja, dizendo que ela fora vendida em hasta pública em conjunto com os bens do mosteiro, após a expulsão das ordens religiosas, sendo doada à Câmara Municipal em 1934. Nada se encontrou que confirmasse, porém, essa compra, ou doação. Travaços Santos refere que um tal capitão de milícias, de apelido Crespo, avô ou bisavô de D. Júlia Charters Crespo, adquiriu grande parte dos bens confiscados pelo Estado à ordem Dominicana, entre os quais se incluía Santa Maria-a-velha, tal como a cerca conventual. O Dr. João Travassos dos Santos,<sup>59</sup> tentou que D. Júlia doasse a antiga cerca conventual, tendo esta respondido que “bens mal adquiridos tinham de voltar ao seu legítimo possuidor, a cerca tinha sido da igreja e a esta iria voltar”<sup>60</sup>. A citada D. Júlia veio a doar à *Comissão Iniciativa de Turismo da Batalha*, em 12 de Maio de 1934, o espaço que hoje medeia entre o convento e a grilhagem de calcário<sup>61</sup>. Bem como uma parcela da quinta da Cerca a norte do Mosteiro e próxima da área da igreja<sup>62</sup>, destinada ao alargamento da Avenida Afonso Domingues. Sabemos que a igreja se encontrava fora da cerca conventual, mas não conseguimos apurar se era parte integrante da referida quinta. E sabe-se, de resto, que a igreja serviu como cemitério público até cerca de 1852, pelo que dificilmente seria propriedade particular.

<sup>55</sup> Sandra Renata Carreira Vieira, *Santa Maria...*, Doc. n.º 5 (1897/1898 - Restauro), pp. 101-102.

<sup>56</sup> *Ibidem*, Doc. n.º 6 (Regulamento para o serviço dos guardas e auxiliares, do Monumento da Batalha), pp. 102-103.

<sup>57</sup> *Ibidem*, Doc. n.º 11 (Informação dos bens das igrejas da freguesia da Batalha, 19 de Agosto de 1931), p. 107.

<sup>58</sup> *Ibidem*, Doc. n.º 12 (Relação de bens moveis e imóveis reclamados pela Comissão Paroquial de Culto da Batalha, Junho de 1931), pp. 107-108.

<sup>59</sup> Pai do Sr. José Travaços Santos, presidente na altura da Comissão Iniciativa de Turismo da Batalha.

<sup>60</sup> À conversa com o Sr. José Travaços Santos.

<sup>61</sup> José Travaços Santos, *Apontamentos para a História ...*, p. 175.

<sup>62</sup> Sandra Renata Carreira Vieira, *Santa Maria...*, Doc. n.º 21 (Contrato de Troca), pp. 113-114.

Como se viu, em 1838 a igreja já não tinha telhado<sup>63</sup>, mas houve reparações posteriores, e, em Junho de 1925, o telhado foi reparado<sup>64</sup>. Reparções que não impediram a sua destruição poucos anos depois. Tal como a construção, a destruição da igreja deve ter ocorrido em fases distintas. O último corpo a ser erguido, isto é, a nave, foi o primeiro a ser demolido, em conjunto com os retábulos colaterais. Não na década de vinte do século XX, como dizem alguns autores<sup>65</sup>, mas na década seguinte, talvez entre 1931 e 1935.

Uma carta da *Comissão de Iniciativa de Turismo da Batalha*, datada de 24 de Setembro de 1931, em resposta a uma carta da *Sociedade Propaganda de Portugal*, que se insurgia contra uma suposta demolição da nave da igreja, só reconhece a demolição de uma ampliação recente, que tinha alterado por completo, diziam, o aspecto primitivo da histórica capela<sup>66</sup>. Segundo eles, a antiga capela ficaria assim à vista e deixaria de servir para arrecadar materiais de construção, como até então sucedia. Por acréscimo, seria devidamente reparada pela câmara municipal da vila, com o acordo da DGEMN.

É possível que aquela *ampliação recente*, que fora demolida porque alterava o aspecto da capela primitiva, fosse afinal a própria nave da igreja, assim designada para permitir a sua destruição, pois impedia a construção de uma estrada em torno do Mosteiro.

Não sabemos quando a estrada foi construída, mas tudo indica que as obras só começaram depois de terem procedido à transferência da grillagem para a parcela de terreno doado pela D. Júlia Charters Crespo em 1934. Como a grillagem foi transferida antes de 30 de Janeiro 1936<sup>67</sup>, é provável que a nave da igreja tenha sido destruída em 1931, ou, pelo menos, entre esta data e 1935. Apesar dos propósitos da *Comissão de Iniciativa de Turismo da Batalha*, que ficaram atrás citados, o interesse pela velha igreja já não devia ser muito significativo.

Na década de 30 do século XX, foi quando se deu início as obras de restauro da Igreja Matriz, que se encontrava em plena degradação e abandonada. Portanto, o restauro da igreja Matriz, coincidiu com a destruição da igreja de Santa Maria-a-Velha, enquanto se recuperava a Igreja Matriz destruía-se o pequeno templo, isto é a nave.

Alguns anos depois, em 1940, ninguém se lembrou de impedir a transformação do que restava da igreja numa oficina de cantaria<sup>68</sup>. Servindo mais tarde também de casa de banho pública, daí terem procedido ao seu fecho com uma cancela de madeira (Fig. 4).

<sup>63</sup> *Ibidem*, Doc. n.º 2 (Mapa do estado em que se encontravam os Cemitérios da Freguesia...), p. 100.

<sup>64</sup> *Ibidem*, Doc. n.º 8 (Restauro do telhado), p. 105.

<sup>65</sup> Gonçalo D' Aguiar Cabral, " *A Propósito De Umas Pedras...*, p. 4.

<sup>66</sup> Sandra Renata Carreira Vieira, Santa Maria..., Doc n.º 19 (Resposta a carta de...), pp. 111-112.

<sup>67</sup> *Ibidem*, Doc. n.º 25 (Edital) e Doc. n.º 26 (1936 - Memória Descritiva), pp. 115-116.

<sup>68</sup> *Ibidem*, Doc. n.º 28 (1940 - A antiga capela, transformada numa oficina de cantaria), p. 117.

O destino da velha igreja seria decidido no âmbito do plano de urbanização da Batalha, que foi elaborado a partir da década de 60 em resultado da passagem da estrada nacional nº1 a escassos metros do convento<sup>69</sup>. Na ocasião, reconheceu-se o interesse público na preservação das “ruínas da Capela Velha à nascente do mosteiro, [as quais] deviam ser objecto de uma análise que levasse a conclusão acerca do seu valor arqueológico”<sup>70</sup>. E chegou mesmo a pensar-se na criação de uma extensa zona verde a norte do convento<sup>71</sup>, precisamente onde se achava a igreja. Infelizmente, nada disso se concretizou, desaparecendo assim os últimos vestígios da igreja.

É mais difícil precisar o ano concreto. Um artigo publicado por José Travaços no jornal *O Alcoa*, a 29 de Dezembro de 1962, ainda menciona a existência da capela-mor e de um altar em ruína. Mas é possível que esses últimos vestígios tenham desaparecido em 1965, ano em que foi demolido um lote de casas fronteiro à igreja, entre as quais se encontrava a casa do Grémio da Lavoura<sup>72</sup>. No ano seguinte, junto ao espaço da igreja existia um pavilhão desmontável e provisório, destinado à venda de bebidas. Uma zona outrora cheia de vida passou, assim, a um espaço morto, devido à execução de um plano de urbanização.

### **Vestígios da velha igreja**

Na reserva do Mosteiro de Santa Maria da Vitória encontram-se alguns fragmentos oriundos de Santa Maria-a-Velha, que foram recolhidos no século XX, por batalhenses indignados com o extermínio do templo. Quatro desses fragmentos identificámo-los como partes integrantes do entablamento do retábulo do altar-mor do templo: um dos fragmentos apresenta vestígios de pintura directa sobre pedra, de cor preta com decoração vegetalista e geométrica, inventariado agora com nº 43; os outros três fragmentos fazem parte de um conjunto, inventariado com nº164, que foram inicialmente identificados como parte das cantarias de um portal ou de um arco. Porém, constatámos que um deles, para além de fazer parte do entablamento, também constituía uma das partes do frontão. Ainda na reserva está depositada uma das lápides mencionadas pelo “Guia do Visitante”. Trata-se da lápide sepulcral do mestre Boutaca e da sua esposa, ambos sepultados no templo. Está fragmentada em cinco pedaços e inventariada com o nº 146. A referida lápide também não escapou à funcionalidade de calcetamento de um dos passeios da vila,

---

<sup>69</sup> José Travaços Santos, *Cadernos da Vila Heróica, Arquivos Históricos, Etnográficos, Artísticos e Literários da Batalha, Coleções de História de Arte*, n.º 8, Leiria, Edições Magno, 2001, p. 21.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 70.

<sup>72</sup> Sandra Renata Carreira Vieira, *Santa Maria...*, Doc. n.º 35 (1965 - Arranjo da zona envolvente do Mosteiro da Batalha), p. 121.

sendo a única que subsistiu.

A 18 de Agosto de 2006 encontraram-se alguns dos fragmentos do retábulo do altar-mor que nos aparecia na referida fotografia do interior do templo. Entre outros fragmentos que não identificados. Não estavam a mais de 150 metros do local onde se localizava o templo. Alguns desses fragmentos ostentam vestígios de pintura coeva do retábulo, mantendo intactas algumas características definidoras da arte da sua época. A ornamentação evidente nestes vestígios, composta por elementos geométricos e vegetalistas, é de grande rigor e qualidade, o que era usual nos retábulos mais sóbrios<sup>73</sup>. Este retábulo, enquanto elemento proeminente do conjunto arquitectónico, terá seguido a simplicidade do programa decorativo da Igreja, desconhece-se a oficina que o realizou.

Não se sabe nada acerca do cunho da primeira decoração do templo. Não nos restam quaisquer elementos que nos elucidem sobre a forma e o programa artístico que possuiu. Sabe-se no entanto, através das fontes documentais, da existência de retábulos anteriores a este. Existiu no templo, no início do século XVI, um primitivo retábulo de Jesus<sup>74</sup>. Há a possibilidade de admitir que seja o retábulo quatrocentista que existe hoje na igreja de Santo Antão (Fig. 5), a pouca distância dali. Trata-se do retábulo da Paixão de Cristo, datado de 1430, proveniente de encomenda régia, pela Duquesa da Borgonha D. Isabel. Apenas se sabe que foi produzido na Antuérpia, contudo até hoje ninguém conseguiu explicar como um retábulo daquela importância foi parar a uma ermida tão modesta como a ermida de Santo Antão, na Faniqueira, a poucos quilómetros da Vila. A ermida de Santo Antão foi construída pelos moradores da povoação<sup>75</sup>, provavelmente no século XVI. Ou seja no período em que foi construído o retábulo a ermida ainda não existia.

Lurdes Craveiro sugeriu a hipótese do retábulo da Paixão de Cristo ter pertencido ao mosteiro de Santa Maria da Vitória<sup>76</sup>. A conclusão da igreja do mosteiro decorreu entre 1402 e 1438. Não nos podemos esquecer que o primeiro templo que surgiu na vila da Batalha foi Santa Maria-a-velha, enquanto o complexo monástico não se encontrava apto para receber os religiosos e os fiéis. Era na igreja que se celebrava a palavra de Deus, o que torna credível que o seu espaço primordial tenha sido Santa Maria-a-velha, uma vez que era o único templo aberto ao culto naquele período na localidade. Por outro lado, o retábulo da Paixão de

---

<sup>73</sup> Francisco Lameira, "O Retábulo em Portugal das origens ao declínio" *In Promontoria Monográfica*, História de Arte 01, Edição Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 2005, p. 82.

<sup>74</sup> Saúl António Gomes, *Fontes...*, Vol. 3, Doc. 507, (de 1504, Julho, 18, Batalha), pp. 69-71. Doação feita por Fernão Pires da Vinha e sua mulher, Beatriz Dias, ao Mosteiro da Batalha, de uma terra com sete oliveiras, para dizerem na igreja, oito missas por suas almas, no altar de Jesus.

<sup>75</sup> *Couseiro, (O) ou Memórias...*, cap. 66º, p. 95.

<sup>76</sup> Pedro Dias, *O Brilho do Norte Estudos sobre Escultura e Escultores do Norte da Europa em Portugal - Época Manuelina*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997, pp. 165-166.

Cristo consta no inventário de bens do mosteiro de 1823 de 17 de Agosto<sup>77</sup>. Indica-nos que pertencia à ordem dominicana e sugere-nos que o seu primitivo local era a igreja velha.

Segundo a descrição do “Couseiro” dos retábulos colaterais, sabemos que um era de S. Jorge outro de S. Domingues, em pintura<sup>78</sup>. O que nos leva a crer que tenham sido os antecessores dos retábulos que nos aparecem na fotografia. Estes últimos, eram em pedra, e, como é possível ver na fotografia, ainda mantinham as peanhas das imagens de vulto. A sua configuração apresenta nichos concebidos para receber imagens de vulto. Concluimos que houve uma renovação decorativa do interior, talvez devida à alteração dos cânones litúrgicos. Estes ditaram as transformações iconográficas na igreja, razão pela qual não é possível afirmar que o templo mantivesse a invocação primitiva nos seus últimos anos de vida. Desconhece-se o paradeiro dos retábulos colaterais. Podem ter sido reaproveitados ou destruídos.

Na fotografia do interior do templo do século XX, podemos ver uma cruz no nicho central do retábulo do altar-mor. Mas segundo a descrição do “Couseiro”, em meados do século XVII o retábulo do altar-mor tinha uma figura de vulto da Virgem<sup>79</sup>, o orago de origem era de Nossa Senhora da Vitória. O que apoia a hipótese de não ter sido apenas uma renovação estética do interior mas também do orago.

As representações das imagens de vulto deviam obedecer a uma hierarquia, a imagem de Nossa Senhora da Vitória, o orago do templo, devia ocupar o lugar principal no centro, seguindo-se as outras nos retábulos colaterais. Outra das problemáticas que se colocam, são as imagens de vulto que normalmente se atribuem a este templo. Sobre a porta travessa da igreja do mosteiro, encontra-se uma Nossa Senhora da Vitória, que o “Guia do Visitante”<sup>80</sup> e também Reynaldo dos Santos, referem ser da primitiva igreja. Sendo ela uma bela obra de escultura do século XIV<sup>81</sup>, encontra-se bastante alta para poder ser examinada, mas dadas as suas enormes dimensões consideramos pouco credível a sua atribuição ao primitivo templo. Conjecturamos que a sua execução foi pensada para ser colocada num ponto estratégico como o local onde actualmente se encontra. Uma outra imagem que lhe é atribuída é a imagem quatrocentista de N<sup>ª</sup> Senhora da Vitória (cor de madeira), da igreja da misericórdia<sup>82</sup>. Esta possível atribuição já é mais credível,

---

<sup>77</sup> *Inventário dos bens do Convento da Batalha*, de 1823, p. 14. ...“a cappe//Ila Real, onde se acha hum altar antigo com hum Oratório portátil, que contem as Imagens do Apostolado”...

<sup>78</sup> *Couseiro, (O) ou Memórias...*, cap. 75<sup>º</sup>, p. 107.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 107.

<sup>80</sup> *Guia do Visitante, O Monumento da ...*, p. 35.

<sup>81</sup> Reynaldo dos Santos, *Guia de Portugal, Extremadura, Alentejo, Algarve*, Vol. II, Lisboa, Oficina Gráfica da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1927, p. 680.

<sup>82</sup> José Travaços Santos, *Apontamentos para a História...*, p. 24.

pelas dimensões que apresenta, mais reduzidas que a primeira, e pela sua qualidade plástica.

Desde 2000 que a Câmara Municipal da Batalha mostrava interesse e pretendia levar a efeito sondagens arqueológicas no local onde existiu a velha igreja; propôs algumas vezes ao IPPAR<sup>83</sup>, mas as sondagens foram vetadas, alegando não ver vantagem na abertura de novas frentes de escavações arqueológicas na área, o mosteiro continuava a ser a prioridade<sup>84</sup>. As escavações surgiram pelo facto de pretenderem efectuar uma intervenção de reabilitação paisagística da envolvente das Capelas Imperfeitas. Uma das poucas zonas ainda não ajardinadas na vila, e havia a intenção de colocar aí um memorial em honra dos arquitectos do mosteiro.

Dando-se início às primeiras sondagens arqueológicas em Maio de 2006, estas surpreenderam os investigadores, revelando uma igreja bem conservada no subsolo<sup>85</sup>. O que veio contrariar o que se pensava acerca das intervenções durante o século XX, que teriam destruído e descontextualizado o espaço, devido ao nivelamento da área, que se fez com movimento de terras. Na primeira fase de prospecções, para além da estrutura da igreja, as escavações colocaram a descoberto cinco ossadas dos enterramentos que aí tiveram lugar. Há fortes probabilidades de serem os restos mortais de alguns dos mestres referidos nas fontes documentais. Os enterramentos apareceram em camadas, com reaproveitamento das sepulturas anteriores e imitavam a orientação do templo sudoeste-noroeste. Nos contextos sepulcrais encontraram-se diversas contas de rosários (terços), feitas em osso e azeviche, e também fragmentos de cerâmica com referências aos dominicanos e com pintura em manganês. Os artefactos que resultaram das escavações serão estudados e catalogados, assim como as ossadas que foram retiradas foram para o Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Os alicerces detectados são constituídos por pedra calcária de pequena e média dimensão, com argamassa de cor, alvenaria tosca e irregular. Verificou-se uma diferença entre o aparelho da capela-mor, que se apresentava mais rico, que o da nave. Há a forte possibilidade de a capela-mor ser de finais do século XIV e o segundo corpo do século XV.

Recolheram-se amostras de azeviche e mais alguns exemplares de contas de azeviche. Em de Abril de 2007, foram feitas novas sondagens no local, com o intuito de encontrarem uma jazida de azeviche, o que não ocorreu. Resta aguardar o relatório das sondagens arqueológicas, com qual se prevê esclarecerem-se algumas lacunas da memória de Santa Maria-a-Velha e a resposta a diversas perguntas que

---

<sup>83</sup> O IPPAR já não existe, pois a reforma da Administração Pública fundiu o IPPAR com o IPA e com a DGMN. O novo Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR) vai ficar com a tutela de todo o património classificado.

<sup>84</sup> Visão, lusitanianotavel.canalblog.com/archives/2005/12/index.html.

<sup>85</sup> Sandra Renata Carreira Vieira, Santa Maria..., Doc. n.º 39 (Junho de 2006), pp. 123-124.

ficam em aberto.

De facto, a igreja esteve sempre dependente do Mosteiro, e, por isso, devia ter sido reintegrada no conjunto arquitectónico. Mas, infelizmente, apenas os monumentos de maior ressonância histórica e artística têm conseguido despertar atenção e o interesse dos estudiosos e dos responsáveis políticos. Santa Maria-a-Velha foi vítima de negligência durante os últimos séculos, por causa do especial valor dado ao mosteiro, mas também devido a opções urbanísticas que não tiveram em conta os valores patrimoniais do passado<sup>86</sup>, ou que os ignoraram, certamente por desconhecerem o seu valor como testemunhos históricos, como memória de todos os que nela formularam votos e promessas, ou nela fizeram enterrar os seus mortos.

Ignorado o pequeno templo, apesar de a população local mostrar um certo carisma pelo mesmo. Não nos podemos esquecer, que por mais que a população lhe tivesse algum afecto, foi um período conturbado uma vez que a vila sofria tremendas modificações tendo a maior parte da população perdido as suas casas e locais de trabalho, não admira que não tenha havido grandes manifestações. Como se poderiam manifestar contra a demolição da igreja se eles próprios perdiam as suas casas?

Apesar de esquecida e destruída em tempos recentes, os vestígios da antiga igreja ainda podem vir a criar um novo pólo de atracção na vila. A recuperação da sua história só foi possível devido a um exercício de Cripto-História. Portanto, da recolha dos vestígios materiais e dos testemunhos escritos de um monumento que já ninguém pode contemplar. Há que valorizar os fragmentos deste monumento e esperar que eles conduzam à necessidade de preservar a sua memória. E a valorização desses vestígios, não impede o seu aproveitamento turístico, se for respeitada a defesa e a salvaguarda do Património<sup>87</sup>.

---

<sup>86</sup> O Pelourinho tardo medieval teve o mesmo tratamento, actualmente temos uma reconstrução do mesmo, na Praça Mouzinho de Albuquerque, reconstruído em 2000, pelo Grande Mestre Alfredo Ribeiro e pelo seu aluno Mestre Pedro Oliveira, foi inaugurado em Março desse ano, na cerimónia comemorativa dos 500 anos de elevação a Vila. Sucedeu outro tanto com Chafariz neo-gótico e com grande parte das grilhagens que ladeavam o mosteiro.

<sup>87</sup> Carlos Antero Ferreira, *Valorizar e Desenvolver as Áreas de Património Classificado*, Lisboa, IPPAR, 1992, p. 30.

## Fontes e Bibliografia

### Fontes impressas

*Couseiro (O) ou Memórias do Bispado de Leiria*, Braga, Typographia Lusitana, 1868 (reimpressão em Leiria, O Mensageiro 1980).

GOMES, Saul António, *O Livro do Compromisso da Confraria e Hospital de Santa Maria da Vitória da Batalha (1427-1544)*, Leiria, Edições Magno, 2002.

IDEM, *Fontes Históricas e Artísticas do Mosteiro e da Vila da Batalha (Séculos XIV a XVII)*, Vol. 1, (1388-1450), S.I. Edição do IPPAR, 2002.

IDEM, *Fontes Históricas e Artísticas do Mosteiro e da Vila da Batalha (Séculos XIV a XVII)*, Vol. 2, (1451-1500), S.I. Edição do IPPAR, 2002.

IDEM, *Fontes Históricas e Artísticas do Mosteiro e da Vila da Batalha (Séculos XIV a XVII)*, Vol. 3, (1501-1519), S.I. Edição do IPPAR, 2004.

IDEM, *Fontes Históricas e Artísticas do Mosteiro e da Vila da Batalha (Séculos XIV a XVII)*, Vol. 4, (1520-1650), S.I. Edição do IPPAR, 2004.

IDEM, *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas-3-Batalha*, Viseu, Palimage Editores, 2005.

### Bibliografia específica

*A Igreja Matriz da Batalha*, Boletim da DGEMN, n.º13, Porto, Setembro de 1938.

ALBUQUERQUE; Luiz da Silva Mousinho de, *Memória Inédita acerca do Edifício Monumental da Batalha*, textos Policopiados nº 4, Maio, S.I., Edição do Museu do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, 1983.

BARBOSA, Ignácio Vilhena, *Archivo Pitoresco, Mosteiro de Santa Maria da Vitória, vulgarmente chamado da Batalha*, Lisboa, Editores Proprietários, Castro Irmão & C.a, 1865.

CABRAL, Gonçalo D'Aguiar, *A Propósito De Umas Pedras Tumulares Da Vila Da Batalha*, Separata de *Armas & Troféus*, V série, Tomo I, Janeiro Dezembro 1980, n.º1 a 3, Lisboa, 1982.

CATROGA; Fernando, "A Morte Romântica e Religiosidade Cívica", In *História de Portugal*, (dir. de José Mattoso), Vol. V, Lisboa, Círculo de Leitores, Lda. 1993, pp. 595-608.

CUNHA, Rui Borges (org.) *A Batalha vista pela "Casa Alvão"*, S.I. Edição Município da Batalha, S.d..

DIAS, Pedro, *O Brilho do Norte. Estudos sobre Escultura e Escultores do Norte da Europa em Portugal – Época Manuelina*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

FERREIRA, Carlos Antero, *Valorizar e Desenvolver as Áreas de Património Classificado*, Lisboa, IPPAR, 1992.

GOMES, Saul António, *O Mosteiro de Santa Maria da Vitória no Século XV*, Coimbra, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Coimbra, 1990.

IDEM, *Vésperas Batalhinhas. Estudos de História e Arte*, Leiria, Edições Magno, 1997.

LAMEIRA, Francisco, "O Retábulo em Portugal das origens ao declínio". In *Promontoria Monográfica*, Historia da Arte 01, Edição Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do

Algarve, Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 2005.

*Monumento da Batalha - Guia do Visitante*, Batalha, edição do Kiosque da Vila da Batalha, 1904.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme, *Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*, Vol. II, Lisboa, Editor -João Romano Torres, 1904.

PESSOA, Argentino C. S., "Esboço Histórico da Batalha". In *Terras da Nossa Terra*, Ano 29, Porto, Junho, 1989.

SANTOS, Reynaldo dos, *Guia de Portugal, Extremadura, Alentejo, Algarve*, Vol. II, Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa, Oficina Gráfica da Biblioteca Nacional, 1927.

SANTOS, José Travaços, "Igreja de Santa Maria A Velha". In jornal, *O Alcoa*, 29 de Dezembro, 1962, pp. 5-6.

IDEM, "Nomes das povoações da paróquia da Batalha". In *Cadernos da Vila Heróica, Arquivos Históricos, Etnográficos, Artísticos e Literários da Batalha, Coleções de História de Arte*, nº8, Leiria, Edições Magno, 2001, pp. 67-70.

IDEM, *Apontamentos para a História da Batalha*, Batalha, Edição Câmara Municipal da Batalha, 2006.

SARAIVA, FR. Francisco de São Luiz, *Memória Histórica sobre as obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victória, Chamado Vulgarmente da Batalha*, Lisboa, Memórias da Academia Real das Sciencias, 1827.

SERRÃO, Vítor, *A Cripto-História de Arte*, Lisboa; Livros Horizonte, 2001.

SILVA; António Martins da, "A Desamortização". In *História de Portugal*, (Dir. de José Mattoso), Vol. V, Lisboa, Círculo de Leitores, Lda. 1993, pp. 339-353.

SOUSA, Fr. Luis, *História de São Domingos*, Porto, Lello e Irmão, Editores, 1977.

VIEIRA, Sandra Renata Carreira, *Santa Maria-a-Velha da Batalha, A Memória da igreja (séculos XIV a XX)*, Batalha, Edição Câmara Municipal da Batalha, 2008.

VITERBO, Francisco Marques de Sousa, *Diccionario Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses ou a serviço de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Vol. 2, 1904.



Figura 1. Igreja de Santa Maria-a-Velha, princípios do século XX (cedida por José Travaços dos Santos).



Figura 2. Rua Nossa Senhora do Caminho, lado nascente; observa-se a igreja de Santa Maria a-Velha, princípio do século XX (col. da autora).



Figura 3. Postal do interior da igreja de Santa Maria-a-Velha, com legenda da lenda do voto (col. José Travaços Santos).



Figura 4. Capela-mor da igreja de Santa Maria-a-Velha, anos 40 do século XX (col. da autora).



Figura 5. Retábulo da Paixão de Cristo (col. Casa Alvão).



Figura 6. Os fragmentos do retábulo do altar-mor, como os encontramos (col. da autora).



Figura 7. Escavações na área da igreja de Santa Maria-a-Velha (col. da autora).



Figura 8. Lápide que foi colocada a assinalar o local da igreja de Santa Maria-a-Velha (col. da autora).

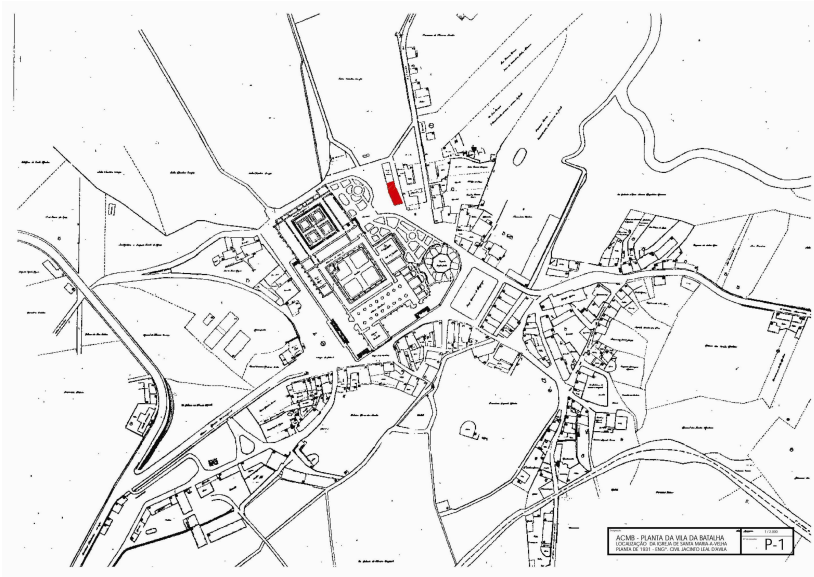


Figura 9. ACMB: planta da vila da Batalha, com localização da igreja de Santa Maria-a-Velha, de 1931.

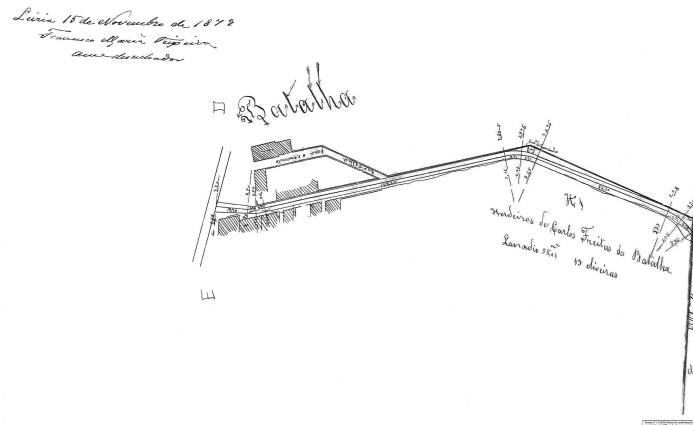


Figura 10. AHMB: planta de confrontações de propriedades de 1879, onde observamos a igreja de Santa Maria-a-Velha.